

Manchete 522 (pedaço)

Rádio ME - 19.5.62 / Reg P 19.7.67

FLU - dez. 77

RN 32

19.09.22

O Malek e o Maluco

RUBEM BRAGA

JÁ expliquei que D. Sebastião, o Desejado, era um verdadeiro maluco.

Maluco e — com que mágoa eu o digo, eu que simpatizava tanto com o Rei D. Sebastião! — maluco do gênero antipático: ególatra, fanfarrão, atrabiliário. Quem diz isso não sou eu, é o professor português Queiroz Velloso, esse erudito horrível que seguiu a lição de Alexandre Herculano e mergulhou na história portuguesa à procura da verdade crua, sem ligar para as lendas bonitas.

Lenda bonita, legenda bonita era a de D. Sebastião, que ia voltar para salvar Portugal, e ano atrás ano isto foi a esperança do povo, o sonho do povo, o alimento do povo, a certeza do povo. Não voltou. Morreu mesmo ali no Marrocos, esteve sepultado em Alcácer-Quibir, depois em Ceuta, depois foi para os Jerônimos — e tudo isso com atas lavradas e assinadas, tudo provado, certo, sem mistério e sem esperança. E era um rapaz esquisito, que tinha horror a mulher, saía para o mar em dia de tempestade para mostrar que era machão, mandava desenterrar os reis seus avós para lhes dizer frases históricas a favor ou contra, sofria de doença feia — maluco de verdade, do tipo cabotino, místico e violento, detestado pelo povo de seu tempo, êle que tinha sido o Desejado antes de nascer e foi o Esperado depois de morto, êle que arruinou seu povo e seu Reino com maluqueiras — incompetente como chefe na paz e na guerra, mesquinho na sua mania de grandeza, invejoso e mau...

Mas vamos parar; também não vale a pena falar tão mal de um Príncipe, coitado, que morreu tão moço, e morreu lutando. Foi encontrado nu, pois de sua linda armadura azul e ouro fôra despojado. Paz à sua alma.

DN - 12.7.67

307